



VERONICA FRANCO: UMA MULHER INTENSA

João Paulo Ribeiro Beraldo¹

RESUMO

Neste artigo almejamos discutir, sobretudo, as relações ambíguas encontradas na imagem da mulher moderna elencando como ela, por sua vez, é um personagem mal interpretado, pois carece de melhor esclarecimento sobre o que era ser mulher durante o Período Moderno, especificamente sobre seu papel na sociedade, que por muitos pesquisadores fora compreendido como inferior ao homem que a oprimia, mas não é exatamente esta a realidade. As mulheres compunham e contribuía na sociedade, a seu modo, tanto quanto qualquer homem. Outro objetivo desse trabalho é analisar um tipo de contribuição feminina, na literatura, por meio de alguns excertos da obra *Terze Rime* (1575) de Veronica Franco, uma das maiores cortesãs poetisas da Veneza do século XVI.

Palavras-chave: Mulher; Poesia; Veronica Franco.

A MULHER MODERNA E SUAS AMBIGUIDADES

A mulher moderna em todas as suas congruências e conjunturas é um ser incógnito, mas ao mesmo tempo repleto de ambiguidades e mistérios. Estudar mulher, sem falar de gênero, como eu me propus em minha pesquisa de mestrado, é praticamente um tabu, mas podemos dissertar sem estar preso a um lastro temático. Neste artigo, tal como na minha pesquisa de mestrado, gênero só mesmo o literário. Não pretendo nem num nem noutro local comparar gênero sexual masculino ao feminino e vice-versa, pois trabalho com a literatura, cujo foco é realmente, de fato, o eu feminino na poética renascentista italiana do século XVI.

George Duby e Michelle Perrot, na introdução do volume 3 da *História das Mulheres no Ocidente* (1990) escreveram sobre a história das mulheres afirmando que:

As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da história. O desenvolvimento da antropologia e da ênfase dada à família, a afirmação da história das “mentalidades”, mais atenta ao quantitativo, ao privado e ao individual, contribuíram para as fazer sair dessa sombra. E mais ainda, o movimento das próprias mulheres e as interrogações que suscitou. “Donde vimos? Para onde vamos?”, pensavam elas; e dentro e fora das universidades levaram a cabo investigações para encontrarem vestígios das suas antepassadas e sobretudo para compreenderem as raízes da dominação que suportavam e as relações entre os sexos através do espaço e do tempo. (DUBY; PERROT, 1990, p. 07)

¹ Mestrando em História Moderna, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCHS), Campus Franca/SP. Sob orientação do Prof. Dr. Yllan de Mattos. E-mail do autor: joao.pauloberaldo@hotmail.com



Duby e Perrot acrescentam que é necessário recusar a ideia em que as mulheres são em si mesmas um objeto de história, mas sim as várias facetas, as várias representações, falas e omissões, formas de ação e reação, etc. Arlette Farge e Natalie Zemon Davis dizem que a mulher está presente em tudo na sociedade, mesmo em momentos de guerra, e exemplo do período da Fronda. As autoras reafirmam como a mulher desde o século XVI ao XVIII, os três séculos que entendemos como Tempos Modernos, está sempre presente na história, exercendo os mais variados papéis, e nas mais variadas camadas sociais.

E para elucidar este pensamento, Davis e Farge dizem que:

Presente, de facto, na realidade dos dias, é ao mesmo tempo extraordinário apercebermo-nos até que ponto ela ocupa o campo dos discursos e das representações, o das fábulas e dos sermões, mesmos o do mundo científico e filosófico. Dela muito se fala, até mais não poder, a fim de pôr o universo em ordem. Mas aqui reside um paradoxo, porque este discurso pletórico e repetido sobre a mulher e sobre a sua natureza é um discurso atravessado pela necessidade de a conter, pelo desejo mal disfarçado de fazer da sua presença uma espécie de ausência ou, pelo menos, uma presença discreta que deve cingir-se a limites cujo traçado se assemelha a um jardim fechado. (DAVIS; FARGE, 1990, p. 09)

As autoras acrescentam que para melhorar a visão acerca das mulheres é necessário que haja um aprofundamento nas próprias fontes, ao invés de nos deixar invadir pelos discursos e pelas representações, mas sim articular da melhor maneira possível todos os conhecimentos sobre a realidade feminina e sobre os discursos que dela falam, não esquecendo que uns e outros se complementam e interagem entre si. Segundo Davis e Farge (1990, p. 11), “Tomar a mulher a sério é reconstruir a sua atividade no campo das relações que se instituem entre ela e o homem, é fazer da relação entre os sexos uma produção social, a partir da qual o historiador pode e deve fazer a história”.

Desde o século XVI há uma querela entre os sexos masculino e feminino, onde a mulher destacada por sua maledicência, pecaminosidade, mas ao mesmo tempo é meiga, doce e submissa. Apenas no século XVII é que são escritos, de fato, tratados mais concisos e completos sobre a igualdade entre ambos os sexos. Durante três séculos, segundo Davis e Farge, profundas alterações econômicas, políticas, culturais e religiosas modificaram de modo evidente as relações entre os sexos. Principalmente no campo religioso, com as fraturas religiosas que vão redesenhar o estatuto das mulheres, redefinindo os contornos da sua relação com o mundo.

Para destacar bem esta questão de tensões entre os sexos masculino e feminino, Davis e Farge (1990, p. 13) afirmam que, “Não há imobilidade alguma, mas um campo de relações entre o feminino e o masculino constantemente marcado pelas transformações do



mundo, ainda que eternado por uma relação de forças que nem sempre é favorável ao sexo feminino”. Ao explicar o conceito de tensão que rodeia os sexos masculino e feminino, as autoras dizem que é como se fosse um fio que liga dois espaços, e estes agem para manter a tensão do fio, e que seria nesse sentido que as relações entre os dois sexos são vistas, nesse frágil equilíbrio entre dois mundos feitos para se entenderem e para se devorarem. Assim nascem as tensões, conflitos, mas também as partilhas frente a sistemas de compensação frente às perdas, poderes oficiais e contra poderes oficiosos, por vezes igualmente evidentes, segundo destacam Davis e Farge.

Davis e Farge explicam que é preciso remover o estereótipo de que desde sempre a mulher foi submissa e o homem seu opressor. De acordo com as autoras:

Os diferentes olhares sobre a história das mulheres tentam quebrar o estereótipo habitual, segundo o qual em todos os tempos as mulheres teriam estado dominadas e os homens teriam sido seus opressores. A realidade é de tal modo mais complexa que é preciso trabalhar com mais finura: desigualdade, com certeza, mas também espaço movediço e tenso em que as mulheres, nem tão fatalmente vítimas nem excepcionalmente heroínas, trabalham de todas as formas para serem sujeitos da história. No fundo, esta história das mulheres é uma maneira de apreender a mulher como participante da história e não como um dos seus objetos. Considerando-a deste ponto de vista, mudam-se as perspectivas, analisam-se as fontes com um novo olhar, descobrem-se numerosas tentativas e êxitos femininos que um olhar definitivamente dominado pelos habituais lugares-comuns sobre a mulher, eterna escrava, e sobre o homem, eterno dominador, não pode nem entrever nem sequer suspeitar. (DAVIS; FARGE, 1990, p. 13)

A diferença entre os sexos é um lugar onde se racionaliza a desigualdade para ultrapassar, um lugar de realidade que os sentimentos modelam, um lugar imaginário que narram, cada qual à sua maneira, as imagens, os contos e os textos, segundo apontam Davis e Farge.

É evidente, segundo Davis e Farge, que os discursos rodeiam a mulher, a nomeando e a controlando, mas a realidade dos dias as “escapadelas” aos seus constrangimentos e durezas desenharam-na suficientemente bem, não perdendo de vista que o espaço em que ela vive, aparece e pensa está marcado por normas e interditos, e que isso é válido tanto o para camponesa pobre como para a princesa da corte, tão diferentes, no entanto, sob outros aspectos. “A mulher tem um corpo, uma aparência, uma sexualidade, e é isso que a torna tão atraente e tão perigosa”. (DAVIS; FARGE, p. 15). Segundo as autoras, as mulheres das classes abastadas têm amaneira muito pessoal de escapar aos limites dos seus papéis; inteligentes, felizes por o serem, elas privilegiam o que lhe é interdito: o uso do seu espírito, do seu pensamento acerca do mundo. Os salões, o Movimento das Preciosas, depois o das mulheres jornalistas são outros tantos locais e os momentos em que elas reivindicaram não



só o uso da sua razão, mas também a sua participação intelectual no mundo do pensamento filosófico, científico e político.

Pois bem, vamos aos fatos. Ser mulher no Renascimento era uma tarefa árdua e, segundo a Margaret King, limitada ao “trabalho” de ser mãe, esposa, filha, monja, santa, bruxa, viúva, prostituta, cortesã (grifos meus). Muitas ocuparam cargos importantes, como rainhas, governantes, a exemplo de Catarina de Medici ou Elisabeth I, ou mecenas como Isabella D’Este ou Gonzaga depois de casar-se com Francesco Gonzaga, o marquês de Mântua. Como mãe, cabia-lhe a função primordial de gerar filhos, especialmente do sexo masculino, o herdeiro varão que assumiria a continuidade da linhagem, da fortuna, entre outras coisas.

O parto era ao ato mais temível de uma mulher, pois além das dores alucinantes, poderia morrer de alguma complicação ou infecção pós-parto ou doença que alastrasse por alguma região. Além do fato de muitos bebês morrem, causando muito sofrimento à mãe depois de tanto sacrifício e dores. Segundo King, na Europa as crianças eram vítimas de inúmeras doenças como a peste, a diarreia, a gripe, a constipação, a tuberculose ou até da inanição. A mortalidade oscilava entre os 20 e 50%. Caso a criança sobrevivesse à primeira infância, seria extremamente imune. Ao conseguir a proeza de dar à luz ao tão sonhado menino, a mulher era glorificada, ornada em joias e muito bem tratada, isso na parte rica da sociedade.

Como mãe, também tinha a função de cuidar, alimentando, amando seu bebê, guiá-lo e educá-lo até os sete anos de idade no caso de menino, e até o casamento no caso de meninas. Algumas mulheres exemplo de Margaret Beaufort, descendente do ramo inglês dos Lancaster, incitavam seus filhos a grandes realizações e no caso de Margaret, foi ela que ajudou seu filho, por meio de intrigas, Henrique VII a subir ao trono inglês. Outras apenas escreviam cartas para guiar seus rebentos nos negócios, dando conselhos a eles. Segundo King, era algo vulgar a mãe ainda guiar seus filhos depois de adultos, especialmente os do sexo masculino, tanto que as cartas, manuais, e diários escritos para esse fim constituíram o principal gênero da atividade de algumas mulheres como escritoras.

Olwen Hufton (1990, p. 23), diz que “independentemente das suas origens sociais, a partir do momento em que nascesse de um casamento legítimo, qualquer rapariga passava a ser definida pela sua relação com um homem”. E autora acrescenta estar centrada na figura protetora do pai e depois na do marido, os responsáveis legais e tutores da mulher, sendo eles os encarregados até de suas posses financeiras. Tanto o pai quanto o marido serviriam de amortecedores entre a mulher e as duras realidades do violento mundo exterior. Cabia ao pai sustentar a filha até o seu casamento, momento em que então ele ou alguém seu nome acordasse com o noivo um casamento de sua filha. O marido esperava



ser recompensado pelo fato de tomar como esposa uma dada mulher e o contributo dela era decisivo para o estabelecimento do lar, portanto ele passava a ser o responsável pela mulher.

A filha levava de sua família, o dinheiro e recursos para campar seu bem-estar e, idealmente através da nova união, elevar o *status* de sua família. A dependência de uma mulher era algo minunciosamente negociado. Este modelo totalmente completo e complexo não era estendido às demais camadas sociais, pois a mulheres pobres tinha de trabalhar para sustentar a si sendo solteiras ou casadas. De fato, uma mulher independente, segundo Hufton, era olhada como inatural e detestável. Como sempre era o pai ou marido quem devia prover-lhe tudo. Caso a mulher não encontrasse um emprego para se sustentar no período anterior ao casamento, era empregada na casa de algum homem, e trabalhava como doméstica. O patrão assumia a responsabilidade sobre ela, que era novamente respeitada, tinha uma casa e alimentação. A mulher assim era paga tendo em vista que já recebia um teto e alimentos. O patrão como figura paterna, responsável por ela, controlava seu salário, dando-lhe o mínimo possível para seus gastos. A empregada somente receberia seu dinheiro, guardado pelo patrão no dia que saísse da casa para trabalhar em outra ou se casasse, assim deixando a sua casa.

Segundo Hufton, o objetivo da vida de trabalho de uma mulher solteira era, portanto explicito, pois ao mesmo tempo em que poupava à sua família os custos com alimentação, acumulava um dote e adquire aptidões de trabalho que atraíssem um marido. Logo cedo, na infância era exposta às durezas da vida, com pobre era preciso arranjar um marido que a protegesse e a ajudasse no processo de sobrevivência. Desde os doze anos, as moças já se iniciavam na vida do trabalho para no final de um processo de dez a doze anos alcançasse seu objetivo, visto que a vida era muito mais dura para as filhas dos pobres.

O casamento, segundo Hufton, não era visto apenas como um destino natural da mulher, mas como agente específico de uma metamorfose que transformava a mulher em um ser econômico e social diferente enquanto parte de um novo agregado familiar, a unidade primaria sobre qual se baseia toda a sociedade. A função de seu marido era a de proporcionar-lhe abrigo e sustento, também pagando os impostos e representando o agregado na comunidade. O papel da mulher era o de companheira e o de mãe. Nas camadas mais altas da sociedade a mulher era dona-de-casa com criados para dirigir, propriedade para administrar e oferecia hospedagem em nome de seu marido. A aparência e dignidade da esposa confirmavam o estatuto do marido.

Na cidade o papel da mulher casada na economia doméstica não se presta a generalizações fáceis, na cidade a mulher também era uma espécie de auxiliar de seu marido, no entanto, ela também podia ascender a posições mais independentes. Algumas



eram usadas na contabilidade, dos livros de contas, outras tinham funções oficinas familiares. Mais abaixo na escala social as mulheres pareceram ter monopolizado o mercado de venda de objetos que seus maridos fabricavam ou operavam por conta próprias como tenderas, em lojas ou nas esquinas das ruas. Um tipo de comércio em que as mulheres eram totalmente livres das atividades dos maridos era a compra e venda e vestuário de segunda mão e essa prática não deve ser subestimando, visto que muita gente não comprava roupa nova na Europa moderna, onde as crianças usavam as roupas dos irmãos mais velhos ou feitas do vestuário dos adultos, por exemplo. Algumas mulheres trabalhavam como roupavelheiras, negociando a compra e venda de artigos velhos de vestuário, indo de porta em porta.

De acordo com Hufton, o trabalho do homem tinha um início e um final, mas “o trabalho da mulher nunca estava feito”, pois se o marido adoecia, ficava subitamente desempregado, não conseguia regressar da emigração sazonal ou falecia por lá, a deixando viúva, sendo assim a mulher alargava o seu trabalho como forma de cobrir o déficit deixado por ele na economia familiar. A mulher podia ser em toda sua vida uma trabalhadora auxiliar, mas nem por isso era menos crucial para a sobrevivência da unidade familiar.

Segundo Sara Grieco, duas atitudes contraditórias em relação ao corpo, caracterizaram a Idade Moderna. Por um lado, o Renascimento herdou uma desconfiança fundamental do corpo, de sua natureza efêmera, de seus apetites perigosos e das inúmeras fraquezas. Esta herança medieval não foi esquecida nem pela Reforma Protestante nem pela Contrarreforma Católica. Por outro lado, a Europa do século XVI viria a se caracterizar tanto por uma vaga de puritanismo e de vergonha em relação ao corpo, à sua aparência e à sua sexualidade, como vira a celebrar-se pelo seu culto à beleza e pela redescoberta do nu. O Renascimento Italiano pode ter sido responsável pela divulgação em toda Europa dos ideais clássicos de perfeição física e espiritual, assim como a reabilitação neoplatônica do amor e da beleza terrenos, mas foi via península itálica que o duplo flagelo da peste e da sífilis atingiram o resto da Europa, provocando o encerramento da maior parte dos banhos e bordeis públicos, a rejeição da água na higiene corporal e a promoção da sexualidade conjugal em detrimento de todas as outras práticas sexuais.

As mulheres foram durante muito tempo identificadas com seu próprio corpo. Quer sejam consideradas como “machos imperfeitos” ou “úteros ambulantes”, reflexos da beleza divina ou tentações lascivas ao serviço de Satanás, o seu viver social é dominado tanto pela atitude cultural face ao corpo, em geral, como pelas suas mais específicas definições de gênero. Sara F. Mathews Grieco apresenta a questão da beleza e exalta as modificações do padrão no decorrer do tempo ao afirmar que:



A beleza, total como o asseio pessoal, foi sempre um conceito relativo. Entre o final da Idade Média e o término da Idade Moderna os cânones da beleza feminina e o modelo ideal de mulher sofreram várias transformações. De esbelta a roliça e de natural a pintada, a silhueta e o rosto femininos foram correspondendo às diferentes condições de dieta, de estatuto e de riqueza, dando origem a novos padrões de aparência e gosto, a novos ideais de beleza e de erotismo. (GRIECO, 1990, p. 81)

O ideal de dama aristocrática medieval graciosa, estreita de ancas e de seios pequenos deu lugar, em finais do século XV e durante o século XVI, a um modelo, segundo Grieco, de beleza feminina mais roliça, de ancas largas e de seios generosos, que perduraria até finais de século XVIII. Uma das hipóteses é que os hábitos alimentarem mudaram, acrescentando mais gorduras, manteigas e doces à dieta moderna a partir do século XVI. Assim como o asseio, a alimentação era um apanágio dos ricos, enquanto a magreza era considerada feia e sinal de pobreza. Segundo Grieco, o Renascimento não foi só um período em que as mulheres das classes sociais dominantes se distinguiram das demais por meio de seus corpos mais bem nutridos e da brancura imaculada de suas roupas, mas foi um período em que era mais importante para elas diferenciar-se dos homens, tanto na forma de se vestir como na aparência e no comportamento. A revolução a nível do vestuário no século XIV e XV se consistiu na diferenciação entre o vestuário masculino e o feminino. Por outro lado, as mulheres manifestaram uma tendência a se vestirem de uma forma mais púdica. Seus vestidos longos e volumosos revelaram uma cintura mais delicada tomada por seu espartilho, e, quando os costumes liberaram, mostravam um peito leitoso e adequadamente empoado e pintado com *rouge*. Cada gesto, cada movimento, deveria refletir a delicadeza esperada para uma mulher, em oposição à potente virilidade masculina.

Anteriormente, na Idade Média a beleza feminina era considerada um triunfo maldoso, pois a mulher exercia seu poder sobre o homem por meio dela, mas na Era Moderna o neoplatonismo resgatou essa beleza, considerando-a como um sinal exterior e visível de uma “bondade” interior e invisível. Todavia, a beleza era, então, um atributo necessário do caráter moral e da posição social. Ser bela era uma obrigação social, já que a fealdade era associada à inferioridade social e ao vício, como no caso das prostitutas, repletas de doenças sexualmente transmissíveis como a sífilis. Como muitas das características de gente feia, como as manchas de pele provocadas pela sarna nos pobres, por exemplo, eram nitidamente visíveis, a pele servia como um espelho social.

A beleza feminina servia de exemplo, mas também de inspiração para uma produção maciça de poemas de amor, livros de civilidade e coleções receitas de cosméticos. Dentre as armadilhas que espreitam a mulher no discurso literário, uma que consiste, a pretexto de celebração, em negá-las enquanto pessoas. Para o poeta elas servem como fonte de



inspiração e os seus olhos assassinos, a sua tez de lírio e de rosas, o arsenal mortífero de seus encantos aumentam o mérito do mártir que reduz todos esses a mera aparência.

Sabemos que o Renascimento celebrou na beleza uma manifestação sensível do divino, segundo Desaiwe, e nas mulheres a exaltação dessa essência divina. Na torrente de versificação que caracteriza o século XVI europeu, há milagres de emoção e de beleza, no seio de uma harmoniosa confusão de referências eruditas a mitologia e de flores de retórica. Mas o poeta, acrescenta Desaiwe, canta sempre as suas próprias emoções, as suas sempiternas feridas, a sua morte cem vezes recomeçada, numa encenação narcísica da qual a mulher continua desesperadamente ausente: ele é, de algum modo, um *one-man show*.

A literatura católica atribuía às mulheres, deveres religiosos diretamente ligados à sua condição de mulher. Doçura, compaixão e amor materno faziam parte das virtudes inatas do sexo feminino. Às mulheres cabem, portanto, segundo escreve Desaiwe, as obras de misericórdia e de caridade, o cuidado dos doentes, dos pobres e dos velhos: a elas, que tinham os seus filhos, cabe-lhes a responsabilidade pela sua primeira educação, pela instrução religiosas e pelas regras do saber-viver; elas também, confinadas encasa e no universo doméstico, cabe ainda a gestão do lar, as ocupações úteis e um olhar vigilante sobre a domesticidade. Obediência e castidade acabam por fazê-las boas esposas, depois, de ter sido filhas submissas. O discurso protestante, segundo Desaiwe, mais igualitário e mais exigente, transforma a esposa em quase um *alter ego* do marido, mas a exorta desde cedo à amamentação dos filhos e a vigia e muito perto a sua educação e costumes, associa-a ao marido na gestão do patrimônio; e caso se ausente ou faleça, confia-lhe o culto doméstico, o casamento dos filhos, numa palavra, a honra familiar.

Do final do século XVI para o final do século XVII, bastou um século, segundo Desaiwe, para enriquecer o imaginário coletivo como um panteão de mulheres exemplares. Essas peças, cuja representação feminina de grandes mulheres (mas também de grandes homens), mas sobretudo de personagens grandiosas históricos ou não, encanados nos palcos da velha Inglaterra Renascentista, por exemplo, escritas por Shakespeare, remonta a um momento em que as pessoas ali presentes estavam atentas e ansiosas para assistir ao espetáculo.

Voltando à questão da beleza, mesmo com inúmeras advertências, exemplos diários das causas e efeitos dos cosméticos, as mulheres perseveravam na melhora da aparência com a ajuda de pós, cremes e pintura. Na Itália do século XVI, dizia-se que todas as mulheres usavam maquiagem, mesmo as “lavadoras de pratos”. Na maior parte dos livros de receita da beleza feminina, a tenção centra-se em partes específicas do corpo – os cabelos, o rosto, o pescoço, os seios e as mãos - as que não que eram cobertas pelo



vestuário. As receitas correspondiam a duas funções: corrigir defeitos ou melhorar a natureza. O branco da pele do pescoço, dos seios e das mãos era associado à pureza, à castidade, à feminidade. Era a cor do corpo celeste “feminino”, a lua, em contraste com as cores vibrantes do sol “masculino”.

De modo geral, além da necessidade de uma aparência bonita, a maquiagem era um símbolo da distinção social. Segundo Grieco (1990, p 90) “a pintura era a “roupagem” das partes visíveis do corpo, era o que distinguia a pessoa que a usava, tanto como os tecidos dispendiosos, a roupa fina e os adornos caros revelavam a riqueza e o estatuto do seu possuidor.” Os cosméticos, acrescenta Grieco, eram um acessório fundamental, sem o qual uma mulher elegante não se sentia vestida. Somente no século XVIII a maquiagem excessiva dos dois séculos anteriores, muito combatida por homens da Igreja, moralistas e médicos, deixou de ser usada, dando lugar ao naturalismo do corpo e uma aparência mais natural, louvada pelo Romantismo, dando um tom no início do século XIX ao conceito romântico de feminidade.

A beleza, segundo Véronique Nahoum-Grappe, pode ser encontrada em jogos de poder, dentro de espaço de poder e parecer: as sociedades de corte europeias, itinerantes ou sedentárias e mais geralmente qualquer representação “corpórea” do político entre o século XVI e o final do século XVIII, utilizam-se da ênfase ostentatória das aparências como sinal espetacular de poder. Segundo Nahoum-Grappe, a respeito do mecanismo dentro do mundo de corte:

Os tecidos luxuosamente coloridos, as pedras preciosas, o ouro, a lentidão do gesto cerimonial, cativam o olhar do público, deslumbrando-o, saturando-o mesmo. O poder, o sagrado, o sol, bem como o aparecimento da mulher bela, são espetáculos sociais heterogêneos que ocupam acena social pondo em funcionamento uma mesma tática de luminosidade e de expectativa. Esta valorização do parecer na história das instituições políticas europeias, em que todas as grandes cortes rivalizavam, sucessivamente, através de seu fausto, e impuseram as suas modas estéticas no mundo, ao mesmo tempo que tentavam impor a sua língua e sua ordem econômica e social, é característica da relação ocidental com o poder, tal como ele se instaura naquela época.

O fausto, a pompas em que aparecem ao vivo as pessoas mais importantes dos dois sexos, são amplamente representados tanto em textos com em imagens. Quanto mais diminui a distância relativamente ao político, mais enfático e o ostensivo se torna o parecer, esse lento cerimonial que capta olhar e suspende toda a significação e depois toda a respiração, num cenário gigantesco, e vertiginoso (salas, palácios, praças, penteados, caudas) e sob o efeito numerosas luzes (lustres, espelhos, joias, ouro). Na primeira fila, o corpo das mulheres, ornamentado, maquiado. Serão elas que, nos séculos XIX e XX, se apoderarão sozinhas das luzes e das cores abandonadas pelos seus companheiros. (NAHOUM-GRAPPE, 1990, p. 125)



Segundo Nahoum-Grappe quando se diz que uma jovem pobre é feia ou bonita, uma presença específica assim como um destino plausível são irreversivelmente induzidos, sem comentários. Essa indução não produz uma narrativa ilustrada, por exemplo, onde a beleza feminina e seus efeitos sobre o ambiente social seria discutida e problematizada, mas antes como antecipação de dois destinos possíveis: ou ela é bonita ou não. A beleza é um dom, um dado de identidade, um objetivo como forma de educação. Nos contos, segundo Nahoum-Grappe, cujos temas comuns circulam desde a Idade Média em meios sociais heterogêneos, a beleza da heroína é muitas vezes mencionada: trata-se de uma perfeição indescritível, de um sinal de graça com um toque da varinha de uma fada no berço, de uma beleza que é sempre a mais bela. Segundo Nahoum-Grappe,

Esta beleza é, então, a tradução formal de outras oportunidades, tais como a riqueza, a dignidade principesca, uma pureza moral igual à limpidez de uma fonte... Como se a beleza corporal não fosse por si própria um fator de sorte suficientemente eficaz; ela coroa os outros “verdadeiros” dons (o nascimento) e demonstra a sua legitimidade inscrita no corpo. NAHOUM-GRAPPE, 1990, p. 126)

A beleza feminina não é um acaso tão eficaz quanto a fortuna, segundo Nahoum-Grappe, não é um dote estético que, por sorte vem substituir a falta de dote econômico, ao contrário, o dom da beleza vem completar aos demais, a não ser na armadilha da cidade, em que ele venha celebrar a infelicidade já prometida pela pobreza. Para a moça rica que era protegida por vários protetores – a cultura, a virtude, por exemplo –, a beleza é auréola das felizes premissas que um bom nascimento fazia prever. Para a moça pobre, segundo Nahoum-Grappe, ser bonita era um risco a mais que expõe a sua fragilidade social aos olhares dos outros. Em contrapartida, a feiura era uma máscara de invisibilidade. A respeito dos problemas acarretados pela beleza, Nahoum-Grappe diz que:

A beleza, que tornava deslumbrante a mulher rica, já de si brilhante, agrava os efeitos negativos da pobreza sobre o destino feminino. Duplo agravamento: por um lado, a penúria econômica faz a mulher bonita uma presa indefesa. Esta facilidade é justamente o que atrai – e define – o vil sedutor. Por outro lado, o feminino que a beleza realça é forçosamente conduzido ao seu destino: o pecado original faz sucumbir a bela à tentação (de uma maçã, de uma joia, de uma promessa) e depois cair, numa queda definitiva inscrita no seu próprio corpo. Mencionar a beleza implica um destino tanto mais previsível quanto ele está de acordo com as narrativas emblemáticas que, no interior de determinada cultura ajudam a definir o mais exatamente possível os papéis sexuais. (NAHOUM-GRAPPE, 1990, p. 127)

Uma verdadeira mulher, segundo aponta Nahoum-Grappe, é forçosamente feita de feminilidade e de beleza, ocupará o primeiro plano num acena “ideal típica”, na acepção em que a entendia Max Weber, um “tipo ideal” investido de significações. A fealdade feminina,



pelo contrário, nega a feminilidade, atrai-a para uma neutralidade menos sexuada, logo muito menos tratada em narrativas ou em imagens no conjunto das produções culturais.

Burckhardt confere à mulher renascentista a mesma condição do homem. E ainda que não devemos deixar nos levar por falsas impressões de que a mulher era inferior, tratada como criança grande a ser cuidada pelo homem, mas que dele permanece separada por um abismo. No entanto, Burckhardt, diz que de certo modo esta afirmação é verdadeira, pois a mulher culta encontrava-se em pé de igualdade como o homem, que segundo afirma o autor, no casamento costuma-se chamar de comunhão intelectual e espiritual e que complementação maior não pôde florescer na Itália, como no universo bem-educado do Norte. John H. Hale diz que a afirmação de Burckhardt em que “as mulheres estavam em pé de igualdade com os homens”, é equivocada pois geralmente a maioria das crianças recém-nascidas que morriam asfixiadas ou por serem entregues às amas de leite era meninas, sendo assim o filho mais desejado do que a filha. As oportunidades educacionais para moças eram extremamente limitadas, segundo a definição de Hale. Segundo Hale, as moças bem-educadas, geralmente em casa, recebiam uma educação formal, esta apenas de classes abastadas, pois, de fato, as moças, mesmo na cidade não frequentavam a escola. Alessandra Scala (que era filha de um humanista e esposa de outro) e a marquesa Isabela d’Este que falava latim fluentemente, são exceções, mas mesmo assim a educação delas fora caseira. Além do mais, moças respeitáveis, segundo Hale, só saíam de casa para ir à igreja, sob escolta e com um véu cobrindo-lhe a cabeça.

De acordo com Burckhardt, a mulher culta era bem instruída, tanto para poder acompanhar as conversas masculinas que se rodeavam do tema Antiguidade, até mesmo aprendendo o latim. Muitas foram iniciadas e bem desenvolvidas na arte da poesia, tendo inúmeros destaques como Cassandra Fedele e Vittoria Colonna, por exemplo. Confinadas em casa, desenvolviam atividades produtivas e de alto nível, elevando assim sua autoestima. Segundo nos informa King (1991, p. 203) “Entre as mulheres trabalhadoras do Renascimento, as mais privilegiadas eram provavelmente as esposas e as viúvas empenhadas na produção ou no comércio do sector têxtil.” Essas mulheres muitas das vezes, dirigiam outros trabalhadores - filhas, aprendizes, jornaleiros - adquirindo deste modo, de acordo com King, um hábito de autoridade.

Segundo a ótica de Burckhardt, a mulher podia produzir liricamente, expressar seus sentimentos, mas não suas intimidades em romances ou diários. Ela não falava em público, ficava *nos bastidores da cena*, aconselhando seus maridos e refreando algum impulso arbitrário deste. O maior elogio a uma mulher era dizer-lhe que tinha um espírito, uma índole masculina. Até mesmo o epíteto *virago*, tinha uma ambiguidade dentro do contexto



renascentista, sendo mais um elogio, pois mulheres com destrezas heroicas eram as de maior força a exemplo de Caterina Sforza e de Isabella Gonzaga.

Segundo Martine Sonnet a respeito da educação feminina na Idade Moderna, resgatando ao ensino medieval:

Entre os séculos XVI e XVIII aumentam, de forma global, as aspirações educativas, uma vez que a sociedade assegurou a satisfação das suas necessidades mais vitais. A educação medieval, reduzida para a maior parte das pessoas apenas à imitação dos gestos do trabalho e da oração, não se preocupava ainda em distinguir entre os saberes próprios de um e de outro sexo. Os séculos seguintes, confrontados com a nova exigência de produzirem quadros para os Estados e para a Igreja, operam a distinção evidente, enquanto não é ainda admitida a igualdade de inteligências e das funções femininas e masculinas. Aos filhos das elites, nobres e depois burguesas, a cultura clássica, a do colégio e a da universidade, a que se não descodifica senão pelo conhecimento do latim, a que abre belas carreiras, civis e eclesiásticas. Às raparigas, tanto do povo como de gente importante, os saberes, e sobretudo os saber-fazer confinados ao universo doméstico, os que se adquirem em casa com a mãe, que mantêm e salváguardam-as casa cristãs. Pouco diálogo há ente estas duas culturas, a de fora e a de dentro, e para muitos pensadores é aqui que está o ponto sensível. Haveria pelo menos que ensinar coisa mais às furtas esposas dos letrados, para que elas pudessem compreender e manter uma conversa. (SONNET, 1990, p. 141)

Entre o Renascimento e as Luzes, a diferença das práticas educativas tende a seguir o passo, segundo aponta Sonnet, de sua diferenciação social. O círculo dos iniciados – homens ou mulheres – nos saberes fundamentais (ler, escrever e contar) tendeu a crescer, devido ao fato do aumento de desenvolvimento e da diversificação das instituições escolares. Essa evidente melhora não garantia, segundo a autora, emancipação feminina pelo saber. Às moças era apenas garantido um conhecimento incompleto e sob apertada vigilância. “Mas”, segundo aponta Sonnet (1990, p. 142), “apesar dos entraves que dificultavam o aceso das mulheres a conhecimentos úteis e economicamente rentáveis, os progressos da alfabetização feminina nos séculos XVII e XVIII são a prova de que está em marcha um processo irreversível”.

A Educação Feminina já foi pauta de discussões entre homens cultos, desde Juan Luís Vives, passando por Erasmo, Rabelais Lutero, dentre outros defensores, à sua maneira, da educação feminina e, acima de tudo incentivando-a. Tanto os pensadores do Humanismo quanto da Reforma (protestante e católica), portanto, contribuíram para a instrução de moças. No entanto, há de se notar que, Lutero, segundo autora, ao mesmo tempo em que fazia apologia à multiplicação de escolas elementares par moças e aprazes, fechava duplamente o espaço de saber tolerado às mulheres. “Por um lado, a Reforma valoriza um modelo familiar patriarcal que subjuga a esposa, por outro a tradução da Bíblia em língua vulvar mina um dos argumentos em favor da iniciação feminina na língua antiga”



(SONNET, p. 143). Na Inglaterra, no início de sua Reforma, não foi diferente, privando as mulheres de seu recurso intelectual.

Em relação aos reformadores caóticos, Sonnet diz que:

As decisões tomadas no Concílio de Trento (1545 - 1563) situam a reacção católica no próprio terreno adversário protestante; a instrução dos fiéis na doutrina correta, desde a mais tenra idade. Um intenso esforço de ensino foi encetado, relativamente aos adultos através da pregação e das missões nas zonas rurais, na direcção das crianças por meio da catequese, acompanhada do mínimo de alfabetização que ela implica. A tónica é imediatamente posta nas crianças, até então estranhas a qualquer aculturação, sobretudo as que vagavam pelas ruas das cidades. (...). Na viagem do século XVI para o XVII, enquanto prossegue este tipo de experiência destinada tanto a rapazes como a rapigas, uma nova onda de iniciativas toma forma, dedicadas, estas, especificamente ao ensino feminino. Os reformadores católicos compreendem então o papel chave que a rapariga pode desempenhar num processo de reconquista religiosa e moral da sociedade no seu conjunto. Em cada uma está adormecida uma futura mãe, uma potencial educadora. Ela é a peça mais importante do dispositivo, visto que é chamada a transmitir a boa nova hoje ensinada. (SONNET, 1990, p. 144)

A tomada e de consciência fez surgir um impulso decisivo à generalização da instrução feminina que compreende pelo menos a leitura e catecismo. Graças a congregações femininas dedicadas ao ensino de mulheres, o antigo privilégio de algumas atinge novas camadas sociais. As mais ricas vão para internatos caros e as mais pobres sentavam-se nos bancos das escolas de caridade. A educação assim promovida visa formar boas mães cristãs. E segundo aponta Sonnet (1990, p. 145), “o molde que lhes dará forma, sem evolução significativa durante três séculos, desenha-se nos círculos da elite devota que sustenta financeiramente e dirige espiritualmente as novas instituições”.

Segundo Sonnet acerca das várias formas e lugares da educação feminina:

Entre os séculos XVI e XVIII, o uso pedagógico da casa evolui, mas esta continua a ser o lugar primeiro da formação feminina. Quando se toma consciência da necessidade de as raparigas saberem mais ou melhor, surgem alternativas: convento, escola elementar, colégio interno laico. A vontade de alargar o horizonte educativo feminino e o aparecimento de estabelecimentos específicos para a aquisição de um saber claramente demarcado do dos rapazes, andam a par. A escola das raparigas surge para combater o carácter misto que tende de facto a introduzir-se na dos rapazes. Como é impensável que irmão e irmãs se sentem nos mesmos bancos para ouvirem as mesmas coisas, multiplicaram-se e diversificaram-se pouco a pouco os lugares da educação das raparigas. Paradoxalmente, estas acabam por tirar proveito dos violentos e repetidos ataques dos moralistas e das pessoas da Igreja, que presiguem e condenam “a mistura dos sexos” na escola, precipitando a abertura de escolas em sua intenção. (SONNET, 1990, p. 152)



Entre os séculos XVI e XVIII, segundo Sonnet, o saber permitido ao sexo feminino não conhece extensão qualitativa, apenas quantitativa devia multiplicação das escolas de moças. No entanto, no final da Idade Moderna a população feminina escolarizada aumentava, mas as estudantes continuavam a saber pouco. Segundo Martine Sonnet acerca da educação:

Qualquer que seja a escola que se frequente, ninguém se arrisca sair de lá sábia. Tanto o convento como a escola elementar oferecem apenas uma experiência limitada do saber, quer pelo tempo que lhe é consagrado quer pelo escasso leque de conhecimento proposto. Só a educação familiar bem orientada é susceptível de produzir mulheres de cultura compatível à que o colégio dispensa aos rapazes. A bagagem da “comum das mortais” não se prende como curiosidades acadêmicas, está cheia de verdades piedosa e de trabalho de agulha. (SONNET, 1990, p. 169)

E digo mais, não se pode julgar a época como *machista*, *patriarcal* ou qualquer outro rótulo do tipo, dizer que existe um *monopólio de saber*, opressão feminina, etc, no mínimo beira ao absurdo anacrônico. É errado por vários motivos. O mais obvio é o anacronismo existente em termos como *machismo*, numa sociedade muito enraizada, ainda, no medievo e com forte fervor cristão. A mulher se via como a companheira do homem, este interpretado como seu protetor, salvador, o herói; ela como a dama refinada, culta e eloquente, na maior parte das vezes quando pertencente à uma família rica, mas principalmente boa mãe e esposa, pia e devota a Deus, estas características pertencentes ao sexo feminino em geral. Era função da mulher educar seus filhos cuidar deles e do marido, concomitantemente da casa e afazeres domésticos. Muitas até mesmo trabalhavam ao lado de seus esposos em seus ofícios, como oficinas de artesanato, por exemplo, e assumia o comando do local quando seus maridos morriam. A educação feminina, mesmo que limitada era um grande avanço, pois antes, ambos, homens e mulheres eram alfabetos em sua maioria. As sociedades humanas passam por várias transformações ao longo do tempo e como tal, cada configuração traz em uma possibilidade. A Idade Moderna carregou em seu cerne o ímpeto, muitas vezes reprimido pela Igreja e algumas autoridades, em progredir na igualdade entre os sexos, concedendo certas liberdades, possíveis à mentalidade de cada época. As moças que antes não sabiam nada, sabem ao menos um pouco, o suficiente para não serem totalmente deslocadas. E mesmo as mais ricas, mais bem-educadas tem seus conhecimentos reduzidos, mas como o passar do tempo puderam sair de seu claustro doméstico e se sentar em bancos de escola, junto de seus irmãos. Aos poucos elas foram lutando por suas vontades, nem sempre foram caladas e omissas. Muitas levantaram suas vozes, do jeito que lhes foi possível, mas o fizeram. Os homens também sofreram com certas restrições, não é uma exclusividade feminina. Muitos se não fosse o mecenato, seja este masculino ou feminino, não seriam nada, nem sairiam do anonimato. Não foram todos



os homens o mais bem-educados, cultos e etc. As regras das sociedades humanas pesam para ambos os lados, todo sofre os pesos ao seu modo e isso é uma consequência comum em cada época do tempo passado e presente e continuará sendo do futuro. Voltando às denominações e possibilidades de cada momento histórico, o movimento feminista só foi possível concretizar-se na década de 1960 por causa do acesso ampliado da mulher à instrução mais qualitativa com maior abrangência conquistada em meados do século XVIII e XIX em diante, até chegar ao século XX, cujo proporcionou por meio de suas conjunturas, as possibilidades deste (e de outros tantos movimentos) surgir e fazia sentido naquele momento, não em outro anterior, por isso denominar este ou aquele tempo de opressor sem o ser é ser anacrônico, pois esta alcunha cabe e faz sentido somente em nosso tempo, visto que em épocas passadas era normal, fazia parte das mentalidades e possibilidades do tempo, por exemplo, castigar um escravo.

É indubitável que, segundo Delumeau, na época em que a Europa se transformava profundamente, as mulheres desempenhavam na sociedade, e até na condução dos acontecimentos, um papel mais importante que durante a Idade Média clássica. Delumeau vai citando exemplos de mulheres: uma delas, Joana de Are, inverteu uma situação militar que poderia parecer desesperada e reconduziu a França ao caminho do seu destino; Isabel a Católica, soberana autoritária, não deixou o marido governar Castela; Catarina de Médicis foi a personagem principal da história de França entre a morte de Henrique II (1559) e a morte de Carlos IX (1574), o seu nome ficou tragicamente ligado ao “massacre de S. Bartolomeu”; Isabel, princesa inteligente e instruída, reinou em Inglaterra durante 45 anos e deixou criar-se em seu proveito um verdadeiro “culto da personalidade” que lhe sobreviveu; Isabel não era apenas a cabeça política do seu país, era também o seu chefe religioso, e foi ela quem deu ao anglicanismo a definição e os fundamentos. Outras mulheres, segundo Delumeau, tiveram também notável influência no plano religioso como Margarida de Navarra que favoreceu Briçonnet e o círculo de Meaux; mais tarde acolheu em Nérac muitos “malcheirosos da fé”, Renata de França, duquesa de Ferrara, que era favorável à Reforma e recebeu Calvino na sua corte e do outro lado da barreira confessional, Teresa de Ávila foi uma grande escritora mística e uma das figuras mais responsáveis pela renovação católica.

Segundo Delumeau (1984, p 90), “a reabilitação da mulher operou-se a partir do momento em que se começou a ter tempo para conversar. Ora o Renascimento permitia aos grandes o prazer da conversa”. A vida de corte, como valoriza o elemento feminino, permite educar e civilizar os fidalgos. Graças a ela, segundo Delumeau, a civilização ocidental subiu um degrau. Claro que um certo refinamento escondia costumes que, muitas vezes, eram bastante livres. Segundo Delumeau:



A predileção com que o Renascimento, rompendo com a austeridade medieval, representou o corpo feminino constitui um facto histórico importante. As Vénus de Botticelli e Ticiano, de Cranach e de Sprangler, a Leda de Leonardo, a Galateia de Rafael, as ninfas de Jean Goujon e mil outras obras testemunham, à sua maneira, uma reabilitação da mulher. Por que e como se havia de manter o dogma da inferioridade do mais belo ser da criação? (DELUMEAU, 1984, p. 92)

Ora, segundo Delumeau, toda uma corrente humanista e reformadora se esforçou no século XVI por reabilitar o casamento, contra o qual se tinham encarniçado certos clérigos da Idade Média. Segundo Delumeau, (1984, p 95) “O cristianismo medieval exaltara a existência contemplativa, a única capaz de preparar para a verdadeira vida de além-túmulo”. A Idade Média tinha mostrado uma dupla aversão pelo casamento: a da literatura de corte, que frequentemente reputava impossível o amor no âmbito do lar, e a da corrente satírica, que confundia a mulher com o pecado e a vida matrimonial com o inferno ou, pelo menos, com o purgatório. Em contrapartida, a Reforma, ao proclamar o sacerdócio universal, ao suprimir os mosteiros e os votos religiosos, ao permitir que os pastores tivessem família, significou, por força das coisas, a revalorização do casamento.

VERONICA FRANCO: A CORTESÃ ACLAMADA DE VENEZA.

Veronica Franco nasceu em Veneza e sua família era originalmente da cidade, sua mãe, Paola, também foi cortesã e provavelmente a tenha introduzido no ofício. Veronica não foi educada pessoalmente por seu pai, não teve esses mesmos cuidados por parte da sua família. Ela foi uma das mais honradas cortesãs de Veneza no século XVI. Martins diz que, Veronica foi mais atenta e sensível para as desigualdades entre homens e mulheres e tanto na sua vida quanto na sua escrita tomou um partido, o de defesa da causa das mulheres submetidas pela pobreza e pela violência. Foi reconhecida por seus contemporâneos como uma poeta de talento, mas enfrentou perseguições – teve que comparecer frente ao Santo Ofício – acusações e difamações de outros poetas que ela conhecia e com quem travou um verdadeiro duelo poético não só para se defender, mas também para fazer a defesa das mulheres, em particular daquelas mais pobres e submetidas à violência dos homens.

Veronica Franco se casou muito jovem com um médico, vindo a se separar logo em seguida. Teve seis filhos, dos quais três morreram ainda muito pequenos. Contudo, desde muito jovem mostrou-se determinada a se educar, afinal sua profissão o exigia, mas ela queria ir além do refinamento e da elegância de uma honesta cortesã que sabia declamar poesias. Ela queria escrever suas próprias poesias. Na falta de um pai humanista, Veronica encontrou em Domenico Venier, um cidadão ilustre e humanista, a proteção e amizade que necessitava mesmo em momentos difíceis. Segundo Martins (2012, p. 196) sobre o protetor



de Veronica, “Venier era um homem rico, ilustre e mantinha em sua residência um importante espaço da cultura humanista, um salão considerado então o mais importante espaço literário e intelectual de Veneza”. Margaret Rosenthal comenta que Venier também apoiou outras mulheres poetas como Moderata Fonte, Irene Spilimbergo, Gaspara Stampa, Veronica Gambarara e até mesmo a romana Tullia D’Aragona.

O principal antagonista da história de Veronica Franco, foi Maffio Venier, sobrinho de Domenico Venier e irmão de Marco Venier, seu amante e verdadeiro amor. Parga diz que durante o *Cinquecento*, os ataques literários às cortesãs e meretrizes era muitas vezes “branco”, mas Veronica sofreu com o trabalho de Maffio Venier. Inicialmente Veronica acredita ser Marco, seu amante, quem a desafia, mas era Maffio, e ela lança respostas para Marco, no intuito de que eles duelem na língua do amor, era um a batalha pelo amor. Maffio faz de tudo para atacar Veronica e a desmerecer como uma *puttana* qualquer. Ela queria muito duelar com seu amado. Veronica havia desenvolvido sua obra em formato de desafios, mas ela acredita que o seu amado lhe oferecerá paz depois de um duelo que vai lutar com armas tradicionais. Segundo Parga a respeito deste duelo:

Veronica se diverte propondo *tenzone*, exasperando a crueldade dramática em descrever o seu desenvolvimento imaginário, mostrando agressividade. A *tenzone* é um jogo de amor que termina sem vitória para qualquer um dos dois amantes. (PARGA, 2009, p. 32)

A tradição satírica e erótica renascentista teceu ataques à beleza tão enaltecida das honestas cortesãs e principalmente aquilo que alguns poetas consideravam uma pretensão insuportável, escrita e o acesso ao mundo da cultura letrada que eles defendiam como seu domínio exclusivo. Segundo Rosenthal, por muito tempo ainda a imagem da cortesã seria revista e descrita como sendo uma pessoa de muitas belezas e diversos perigos que envolviam sedução. Muitas das descrições como a de Sperone Speroni em seus *Dialoghi*, colocam a cortesã no nível das simples prostitutas. Elas eram associadas às servas de tiranos e de demônios. Nesse sentido, os topos arquitetônicos desses diálogos e tratados, e a linguagem empregada para ridicularizar a cortesã e a prostituição, fazem eco do discurso anticortesão tão popular entre os escritores venezianos, orgulhoso de seu “libertà” autodenominado.

AS TERZE RIME: O DIÁLOGO POÉTICO DE VERONICA FRANCOA

Veronica é uma mulher que lutou por seu lugar de destaque na sociedade veneziana, manter sua voz e não ser calada pelos demais homens de sua sociedade. Esta é uma



característica comum em outras escritoras da época do Renascimento. Segundo aponta Rosenthal:

Como uma cortesã escritora, Franco competia abertamente com homens contemporâneos para visibilidade pública. (...) Franco revela em suas obras literárias e nos acontecimentos de sua vida a complexidade desse equilíbrio entre negociação e acomodação, exigido especialmente de mulheres escritoras do início do período moderno, se esperasse garantir a patronagem de mentores masculinos. Franco aceita os termos do concurso literário como um desafio que enfrenta com coragem e bravura incomum, especialmente quando se defende de assaltos viciosos a sua honra pública. O seu sucesso na autodefesa e a habilidade artística de apresentar um autorretrato de compilação em suas obras publicadas, sobre o que radicalmente ultrapassa as premissas sobre a cortesã veneziana, é a história que este livro direcionará. (ROSENTHAL, 1993, p. 02)

Em se tratando da composição *Terze Rime* de Veronica Franco, Ana Paula Vosne Martins mostra em sua análise que:

As *Rime* demonstram de maneira muito criativa como Veronica toma uma posição em relação a este sistema poético. Para começar os poemas são construídos na forma de um diálogo e parte dele abriga um duelo poético entre ela e um de seus detratores, Maffio Venier, cortesão, poeta, sobrinho de Domenico e irmão de um dos amantes de Veronica, Marco Venier. Ela responde às difamações de ser uma *puttana* sem talento, de não ter nenhuma beleza e inteligência e de ser uma mulher insaciável que cobrava preços escandalosos por seus serviços sexuais. Sua resposta também é poética e o faz de maneira corajosa, enfrentando Maffio e sua misoginia. Ela não defende só a si mesma, mas as cortesãs e as mulheres que eram alvo das difamações, escárnios e violências físicas e verbais, como aquela que Maffio direcionou a ela. (MARTINS, 2012, p. 197)

As *Terze Rime* começam com um poema escrito por seu amante Marco Venier. O poema, segundo Martins, é bastante convencional, reproduzindo o *topos* do amante petrarquiano que sofre pelo amor de Veronica, representada como uma deusa distante que não corresponde ao seu amor e de quem ele depende para continuar vivendo (e escrevendo). Outra observação de Martins é em relação a uma outra ruptura efetuada por Veronica que diz respeito à maneira como ela desmonta o ideal do par amoroso construído por Marco e pelos petrarquianos.

Veronica se apresenta como uma mulher real e não uma deusa instalada num frio e inacessível pedestal. Mesmo quando Veronica assume a posição da amante que lamenta subverte o sistema poético. Ela toma a palavra, algo que não acontece com as amadas dos poetas petrarquianos, pois seus poemas são monólogos.

Vejamos alguns exemplos retirados das *Terze Rime* (1575):



Capitoli III - Della Signora Veronica Franca

Versos elegíacos escritos por Franco, longe de Veneza.

Questa la tua fedel Franca ti scrive,
dolce, gentil, suo valoroso amante;
la qual, lunge da te, misera vive.

Tradução:

Esta sua fiel Franca te escreve,
Doce, gentil, sua valorosa amante,
Aquele que, longe de você, na miséria vive.

É o amor sofrido pela distância. Veronica apresenta um sofrimento muito forte pela distância de sua terra natal, Veneza. Este poema fora escrito durante um período em que Veronica esteve exilada de sua cidade natal, devido a peste que a assolou em meados do século XVI. Neste trecho, ela assume a figura do poeta trocador em total prostração de fidelidade e devoção à sua dama, no caso a Dama das Águas, Veneza.

Capitoli VII – D'incerto Autore.

Um apelo a Franco de um amante não desejado.

(...)
Ben sei fanciul piú d'ingegno che d'anni,
Amor, e d'occhi e d'intelletto privo,
se 'l tuo regno abbandoni in tanti affanni.

(...)
al suo arbitrio d'Amor l'armi rivolve
qual le piacque a fermar solingo e vago:
sf che dovunque saettando colse
col doppio sol di quei celesti lumi,
a se gran copia d'amadori accolse,
e con leggiadri e candidi costumi
diletto '1 mondo in guisa che la gente
d'amor per lei vien ch'arda e si consumi.
Gran pregio, in se tener unitamente
rara del corpo e singular beltate
con la virtu perfetta de la mente:

Tradução:

Amor, você é realmente uma criança,
mais em mente do que em anos, sem olhos ou inteligência
Se você deixar seu reino em um estado tão terrível.

(...)
as armas do amor de acordo com a vontade dela,
para manter qualquer homem que desejasse sozinho e fora do curso;
então, onde quer que, apontando suas flechas, ela tenha atingido
com o sol duplo desses olhos celestiais,
ela coletou uma abundância de amantes,



e com seus modos adoráveis e inocentes
ela encantou o mundo desse jeito
que, por amor dela, as pessoas queimam e desperdiçam.
O mais precioso é unir-se
beleza corporal rara e incomum
com a virtude perfeita da mente;

Maffio ataca Veronica sempre de maneira disfarçada, demonstrando por meio de falsos elogios suas verdadeiras intenções, difamar e destruir Veronica durante o duelo, a *tensione*. Ele reduz a sua “amada” á uma espécie de demônio sedutor, feio de copo, mas astuta em mente, capaz de leva homens à total ruína, utilizando-se dos artifícios maldoso de seus encantos, este destorcidos por Maffio, que quer acabar com a fama e a reputação de Veronica. Neste momento, ela anda estava “perdida” sem saber quem a atacava, acreditando ser Marco.

Capitoli XIII – Della Signora Veronica Franca

Um desafio para um amante que a ofendeu.

Non piú parole: ai fatti, in campo, a l'armi,
ch'io voglio, risoluta di morire,
da sí grave molestia liberarmi.
Non so se 'l mio “cartel” si debba dire,
in quanto do risposta provocata:
ma perché in rissa de' nomi venire?
Se vuoi, da te mi chiamo disfidata;
e se non, ti disfido; o in ogni via
la prendo, ed ogni occasion m'è grata.
Il campo o l'armi elegger a te stia,
ch'io prenderò quel che tu lascerai;
anzi pur ambo nel tuo arbitrio sia.
Tosto son certa che t'accorgerai
quanto ingrato e di fede mancatore
fosti, e quanto tradito a torto m'hai.
E se non cede l'ira al troppo amore,
con queste proprie mani, arditamente
ti trarrò fuor del petto il vivo core.

Tradução:

Não há mais palavras! Às ações, ao campo de batalha, às armas!
Pois, resolvido a morrer, quero me libertar
de tão impiedosos maus tratos.
Devo chamar isso de desafio? Eu não sei,
já que estou respondendo a uma provocação;
Mas por que devemos duelar com palavras?
Se quiser, digo que você me desafiou;
se não, eu desafio você; Eu tomarei qualquer rota,
e qualquer oportunidade me convém igualmente bem.
A sua escolha é a escolha do lugar ou das armas,
e farei a escolha escolhida;



Em vez disso, que ambos sejam sua decisão.
Ao mesmo tempo, tenho certeza, você vai perceber
quão ingrato e sem fé você foi
e com que injustiças você me traiu.
E a menos que minha fúria cai em amor esmagador,
com essas mesmas mãos, com toda a ousadia,
rasgue seu coração vivo do seu peito.

Veronica cansada dos ataques de Maffio, resolve enfrentá-lo, pois não mais iludida percebe quem é seu inimigo difamador. Ela toma a frente, já havia descoberto seu difamador e o transforma em alvo por um tempo. Veronica proteja toda sua raiva, mas mantendo sua grande eloquência, admirada em seu ciclo de convivência, destrói Maffio com suas palavras. Veronica está muito irritada, deveras chateada, contudo, muito confiante, como sempre foi, em suas convicções. Ela em vários momentos de sua obra assume a fala, ela dá o tom, ela é a poetisa do desafio e não foge deles, pelo contrário os estimula e vence.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi discutido neste trabalho, a mulher moderna não é um simples objeto a ser estudo, mas um personagem ativo e criativo. Esta já devia ter sido há muito mais tempo uma constatação óbvia, pois se trata de um ser humano. O problema é que por muito tempo, pesquisadores levados pela crença do “oprimido, versus opressor”, apagaram a mulher e reduziram-na à vítima, pura e simplesmente. Quando isso acontece, o trabalho do historiador se perde para sempre, fica inútil, pois não nos cabe julgar, mas expor, sem destorcer os fatos para uma ou outra corrente política-ideológica. Pesquisas não deveriam ter lados, nem ser tão neutras, mas imperiais, expor, analisar, sem julgar, sem ser anacrônico. Esse tipo de coisa também precisaria ser dito, pois é inerente à nossa profissão, mas infelizmente alguns não entenderam ainda a função.

Desabafo a parte, vamos aos fatos. É fato que a durante séculos a mulher teve seu papel definido por homens. É fato também que muitas delas durante toda a História da Humanidade sobressaíram-se para além desses papéis. Outro ainda, é que tanto homens quanto mulheres construíram e constroem a história, contribuindo a seu modo.

Durame a época moderna, nosso foco de estudos, as sociedades europeias, especialmente na Itália, nosso país de interesse (apesar de que o país mesmo foi formado como conhecemos a partir de 1870 com a Unificação. Chamamos de Itália, como unidade, para facilitar a vida de quem lê e estuda), rompendo com alguns laços medievais, ressuscitou o corpo, a mente e a alma da Antiguidade, fundiu com valores medievais remanentes e gerou o moderno. Nesse contexto, mulheres e homens foram se redescobrando, se (re) permitindo ao novo. No entanto, a mulher era um bem tão preciso, na



visão masculina, que precisava ser protegida, mantida e cuidada, porém elas também tinham sua liberdade, a permitida e entendida na época como a ideal, mesmo entre elas.

É preciso ressaltar para os que ainda não compreenderam que, em cada época há um pensamento, não sendo possível que uma mulher no Renascimento seja toda independente, resolvida e empoderada, como hoje no século XXI em sendo construído essa imagem da supermulher “moderna” na contemporaneidade. No século XVI, isso persistiu até o século XX, a Igreja era muito forte, a raiz cristã era muito presente, a figura protetora do pai e do marido eram igualmente potentes, a moça era criada para ser uma dona de casa descente, ser codependente das figuras masculinas, porém adquiriram muito mais voz que anteriormente na Idade Média e Antiguidade. Acontece que, as coisas, no mundo do ser humano, desenvolvem-se lentamente, é um defeito nosso. Algumas estruturas modificam-se muito pouco e paulatinamente.

Politicamente falando, os humanos movimentam-se rapidamente, quase desenfreadamente, mas se tratando de costumes e tradições, a demora é quase eterna. Daí este pensamento em que coloca a mulher como aquela a ser protegida, pois não precisava de fazer tanto assim, pois já que havia um homem para sustentar e conduzir ambas as vidas, de certo modo, permaneceram por séculos, dirá até milênios na história humana. Somente nos anos 1960 a mulher depois de anos, tendo mais acesso à educação, à vida letrada, depois de ter ido à frente, a ausência masculina durante anos e aos de guerras, tendo lutado, socorrido, ou assumindo funções na sociedade, gostando de sua maior potência, teve a consciência estimulada e organizando-se no momento que deu mais voz, empoderou-se. Hoje, com as configurações sociais atuais, é possível a uma mulher ser o que ela quiser, por exemplo, uma engenheira química da NASA de dia e uma Miss à noite, trabalhar de babá e ser mãe. Se um homem quiser ser manicure, sendo hétero, casado será hostilizado por praticamente todo mundo, pois não é “profissão de homem”. O preconceito também tinge ao homem e o reduz às práticas e condutas extremamente masculina, até o de cuidar da mulher, como obrigação de um bom marido. Pensemos um pouco sobre cada situação isolada, nossa época no permite esse tipo de reflexão.

As interpretações acerca da mulher moderna são repletas de ambiguidades, ora apresentada com a submissa ao homem e oprimida por este, ora carrega característica de uma supermulher, geralmente a primeira versão vence e impera nos trabalhos. Nós não precisamos de vítimas e vilões. São estereótipos pré-moldados assim que estragam as pesquisas e derrubam a credibilidade de qualquer que seja ser levada realmente a sério. Só podemos, de fato falar de uma verdadeira opressão, de machismo, e tudo que circunda este quesito, de 1960 para cá, antes nem na mentalidade humana existia, de maneira concreta visível estes termos adquiridos do movimento feminista. Antes era normal. Hoje é errado. As



coisas mudam. No entanto, para o bem ou para o mal, algumas permanecem, mas estão em mutação, lenta, mas estão. Sempre é preciso ter bom senso para não cair nas armadilhas do senso comum, do anacronismo e da querela mental ainda persistente em muitas cabeças de um mundo onde impera a desigualdade e trabalhar para haver uma maior igualdade e ponto final, para de simplesmente brigar e partir a um diálogo mais aberto e inclusivo. Só assim o mundo será melhor.

Na História podemos retirar exemplo de grandes pessoas, mas também de algumas que não foram tão grandes, mas fizeram a diferença no mundo ao seu modo. O caso de Veronica Franco, ela foi julgada e absolvida de seus crimes de magia amorosa pelo Tribunal do Santo Ofício instalado em Veneza em 1575, fundou uma instituição de acolhimento de prostitutas “aposentadas” e moças sem lugar para ir, isso faz certa diferença na vida das pessoas. Ela foi vítima da distorção de sua imagem, modo anacrônico, pois há pesquisas e textos que a tratam e a outras mulheres de sua época e posteriores, senão até das anteriores, como sendo profeministas ou até mesmo como feministas. Isso beira à loucura.

O mesmo acontece, se compararmos o estudo sobre a *Incredibilidade no século XVI: a religião de Rabelais*, de Lucien Febvre, que investigou ateísmos no século XVI, tendo como fonte inspiradora “denúncias” e estudiosos que Rabelais era ateu. O termo ateu era empregado com sentido totalmente diferente no século XVI e no século XX, de grosso modo, “não seguir os preceitos de Deus”, e não o “negar a Deus por completo”.

Portanto, dizer que uma mulher com certa independência e ações “incomuns” era sequer profeminista é um absurdo. Lembremos que se Veronica ou qualquer outra mulher ou homem fez sucesso, foi devido a aceitação dos seus pares, pois nenhum deles iria produzir algo ou agir desforme ao padrão da época. Hoje também é assim, ninguém que foge muito dos padrões é facilmente aceito, a não ser entre seus pares e mesmo assim ainda precisa existir pares para tal. Se há aceitação é porque algum grupo o absorveu, aquele que não encaixa em um grupo, não encontra seus pares, é tido como louco e isolado, até que se reúna com os demais loucos e forme uma companhia de loucos, resultando assim na aceitação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURCKHARDT, Jacob. V. Sociabilidade e as Festividades; A posição da Mulher. In: **A cultura do renascimento na Itália**: um ensaio. São Paulo: companhia de bolso, 2009, 503 p.



DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlette. Introdução. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1990, v 3.

DESAIVE, Jean-Paul. As ambiguidades do discurso literário. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1990, v 3.

DELUMEAU, Jean. Capítulo XIII - A Educação, A Mulher e O Humanismo. In: **A civilização do renascimento**. Lisboa: Estampa, Vol. II, 1984.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. Escrever a História das Mulheres. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1990, v 3.

GRIECO, Sara F. Mathews. O corpo, aparência e sexualidade. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1990, v 3.

HALE, John R. Status das Mulheres. In: **Dicionário do Renascimento Italiano**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1981, 392 p

HUFTON, Olwen. Mulheres, trabalho e família. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1990, v 3.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Dois honestas cortesãs do renascimento italiano**: interseções da cultura humanista, da escrita de mulheres e da sexualidade no século XVI. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 14, n. 25, p. 185-199, jul.-dez. 2012.

NAHOUM-GRAPPE, Véronique. A mulher bela. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1990, v 3.

PARGA, Isabel Rubín Vázquez de. **Veronica Franco Y su Tenzone con Maffio Venier**. *Mujeres En La Literatura. Escritoras*. México, Distrito Federal, Marzo-Abril 2009, Año 4, Número 19, p, 28-40,

ROSENTHAL, Margaret. F. **The Honest Courtesan**: Veronica Franco, Citizen and Writer in Sixteenth-Century Venice. University of Chicago Press; 2º Ed, 1993, 408 p.

SONNET, Martine. Uma filha para educar. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1990, v 3.